

Petrópolis com olhos de crianças: o retrato do espaço urbano como suporte didático

Dias, Ana Cecília Machado

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Dias, A. C. M. (2010). Petrópolis com olhos de crianças: o retrato do espaço urbano como suporte didático. *ETD - Educação Temática Digital*, 11(2), 188-203. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-119297>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:

<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more Information see:

<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Petrópolis com olhos de crianças:
o retrato do espaço urbano como
suporte didático

Ana Cecília Machado Dias

RESUMO

Compreender a cidade a partir do que as crianças nos mostram por meio de seu olhar fotográfico se faz objeto de estudo neste trabalho, questões como: Quais imagens ao nosso redor despertam a atenção das crianças? Como elas se apropriam do espaço da cidade? O que percebem ao observar a geografia local? As crianças aprendem interagindo com o meio cultural e social em que vivem, quando a escola utiliza a cidade como um grande laboratório de pesquisa para observação e investigação das imagens, está contribuindo para a aprendizagem de conceitos representados no dia-a-dia onde espaço e culturas se entrecruzam nas mais variadas linguagens revelando as características do cotidiano. Essa ação confere credibilidade a uma criança capaz, curiosa, que experimenta o mundo, que é competente e ativa, portanto, alguém que não é somente consumidor de cultura e de valores, mas que com suas idas e vindas pela cidade se torna responsável pela produção e preservação do espaço urbano.

PALAVRAS-CHAVE

Infância; Cultura; Imagens; Cidade

Petrópolis with the eyes of children:
the picture of urban space as a
didactic support

ABSTRACT

Understanding the city from what children show us by the way they see with their photographic eyes, makes it an object of study in this work, questions like: What kind of images call the children's attention? How do children appropriate the space of a city? What do children notice by observing the local geography? Children learn by interacting with the cultural and social environment they live in. When the school uses the city as a big research laboratory for observation and investigation of the images, it is contributing for the learning of concepts represented in a day-to-day routine where spaces and culture working together meet themselves in a society in a variety of languages, revealing the characteristics of the time people are living in the city. Acting this way we are giving credibility to a child who has many different abilities and is curious to experience a world that is competent and active, therefore this child is somebody who does not only see culture as a consumer, but by living in the city becomes a responsibility for the production and preservation of the urban space.

KEYWORDS

Childhood; Culture; Images; City



*“Um tempo em que uma imagem vale mais do que mil palavras.
Um dos desafios de se viver neste tempo é desenvolver
a capacidade de ter olhos para ver e entender...
Ver além do que está visível só é possível
quando compreendemos o que vemos”
(ALCÂNTARA)*

Imagens fazem parte do nosso cotidiano e nos convidam a ver e perceber tudo ao nosso redor, imagens também compõem o universo infantil, constituem cenários para brincadeiras, retratam o imaginário de crianças e apresentam o cotidiano e o mundo a olhos atentos de meninos e meninas que exploram e conhecem tudo ao seu redor.

O tema da cultura no espaço escolar e a relação da criança com seu universo social têm sido pouco explorados nas práticas cotidianas da maioria das escolas, além disso, a maioria das instituições de ensino não têm utilizado o conhecimento adquirido no dia-a-dia do aluno, não têm valorizado seu saber, seu olhar e o que ela percebe no seu cotidiano. Surge então a necessidade de aproveitar o *locus* escolar para explorar este tipo de conhecimento. Dessa forma, a reflexão sobre uma questão percorre este trabalho: como as crianças se apropriam do espaço da cidade?

Nesse sentido, ouvir as crianças diante de suas expressões em suas múltiplas linguagens, formas de entender e ressignificar o contexto em que vivem faz-se presente em nossa sociedade sendo também um desafio atual a pesquisadores e educadores que buscam romper com a visão de uma infância marcada por aquele que não fala, significado etimológico da palavra *infante*.

Ao longo dos séculos a criança foi considerada sem direito a voz: construções históricas e sociais que merecem serem rompidas buscando respeitar e fazer valer os direitos das crianças em nossa sociedade. Cruz (2008, p.13) defende a participação da criança como colaboradora direta na pesquisa ao afirmar que a busca em ouvir as crianças, por meio de suas múltiplas linguagens, vem do desejo de conhecer o ponto de vista delas e da crença de que elas têm algo a nos dizer.



Compreender a cidade de Petrópolis, localizada na região serrana do estado do Rio de Janeiro, a partir do que as crianças nos mostram por meio de seu olhar fotográfico se faz objeto de pesquisa neste trabalho. Com o intuito de valorizar a infância em seus diferentes contextos, questões como: Quais imagens ao nosso redor despertam a atenção das crianças? O que percebem ao observar a geografia local? Iniciaram esse estudo

Foi com este ideal, pretendendo ouvir as crianças a respeito de sua apropriação do espaço urbano, que surgiu o projeto “Petrópolis com olhos de crianças” visando um trabalho que conciliasse o fazer artístico e as vozes das crianças com o estudo sobre a história e geografia petropolitana. Os dados contidos nesse trabalho fazem parte do projeto posto em prática, em uma escola da rede particular de ensino de Petrópolis, Escola Oficina Criativa durante os meses de agosto e setembro de 2006, repetindo-se a cada ano compondo o currículo do ensino de História e Geografia para o 3º ano do Ensino Fundamental. O objeto de estudo é a própria geografia da cidade. Durante esse período dez alunos fotografaram a cidade e em rodas de conversas relataram suas expectativas e experiências em ir a campo e mostrar o que percebiam ao escolherem as paisagens.

A escola desta pesquisa foi fundada em 1999, atende a alunos da Educação Infantil e do primeiro segmento do Ensino Fundamental, tem dentre suas principais características uma proposta pedagógica com abordagem sócio-interacionista concebendo a aprendizagem como uma ação que se realiza na interação com o outro e com o meio social. Neste sentido a aprendizagem é concebida como um processo que acontece por meio da internalização, isto é, a utilização de marcas externas que se transformam em processos internos de mediação. Na concepção Vygotskyniana, a aprendizagem deflagra vários processos internos de desenvolvimento mental, que se constroem somente quando o sujeito interage com objetos e demais sujeitos ao seu redor. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento. Dessa forma, a criança é reconhecida como ser ativo que interage culturalmente com seu meio, assim sendo, ela é consumidora e produtora constante de práticas e saberes sociais.



A abordagem sócio-interacionista adotada nessa escola considera o meio em que a criança está inserida, seu papel enquanto sujeito e agente transformador da sociedade a partir da interação com o conhecimento. Apoiando-se nessa concepção de aprendizagem, o projeto “Petrópolis com olhos de crianças” consistiu em promover condições para o aluno agir ativamente na produção de saberes acerca da história e da geografia de sua própria cidade. As imagens resultantes do projeto, relatado a seguir, teve como base fotos tiradas pelos alunos, que posteriormente fizeram parte de uma exposição pública, em um centro comercial do bairro.

Em Petrópolis percebe-se uma forte valorização do caráter imagético constantemente ligado às cidades turísticas, seu acervo histórico está estreitamente associado à permanência de D. Pedro I e posteriormente D. Pedro II na cidade durante o Império. Petrópolis em sua bela paisagem serrana, situada na mata atlântica, desenvolveu a arte da fotografia desde o século XIX.

A proposta ancorou-se na valorização do olhar das crianças para as situações do cotidiano, ligadas ao registro fotográfico a partir dos seguintes questionamentos:

- Como é Petrópolis por meio do olhar das crianças?
- O que elas percebem da cidade em que vivem?
- Quais imagens despertam a atenção das crianças pelas ruas em que circulam?

Tais perguntas desencadearam o desejo de desenvolver o projeto cujo objetivo principal era valorizar a criança, deixá-la expressar o que percebia da cidade em que vive estabelecendo relações significativas e ampliando as oportunidades de experiências culturais.



Os alunos foram convidados, com o auxílio das lentes de uma máquina fotográfica, a expressarem o que perceberam da cidade e também a conhecerem o espaço urbano por meio da observação *in loco*, não se limitando, somente ao texto dos livros didáticos ou à reprodução iconográfica como únicas fontes de informação na sala de aula para a aprendizagem da geografia local.

Conversando com as crianças durante as aulas de geografia, convidamos a todos a fotografarem a cidade. Para tal atividade nos organizamos, dividindo os alunos em pequenos grupos que discutiram e escreveram o roteiro de ruas e locais a serem fotografados. Os alunos relataram lugares próximos de suas casas e da escola com muita propriedade, resultado de uma observação diária ao transitarem pela cidade.

A cada dia essas imagens citadinas eram enriquecidas compondo um novo cenário para a criança que curiosamente observa e descobre o meio em que vive, por meio de um olhar mais atento para detalhes não observados pelo olhar do adulto, pois a criança demonstra observar mais o espaço urbano enquanto que o adulto muitas vezes passa pela cidade em direção a algum lugar.

Após muitas conversas entre os alunos, o roteiro de ruas escolhido foi escrito sem a interferência dos adultos. No dia combinado saímos no transporte escolar para fotografar e conforme as crianças solicitavam íamos parando e descendo aos lugares. As crianças estavam muito envolvidas com a atividade e levaram inclusive máquinas pessoais para um registro individual.

Nesse sentido, o projeto procurou valorizar a função mediadora da escola na aprendizagem e na formação estética dos alunos por viabilizar a presença das crianças no local fotografado, ou seja, uma “aula passeio” possibilitando aos pequenos estudantes uma aprendizagem em campo. Bittencourt (2004, p.200), ressalta que “a contribuição que a imagem traz ao registro etnográfico não se resume, portanto, na valorização da técnica, que gera imagens similares ao mundo sensível, mas reside no fato de que estas imagens são produtos de uma experiência humana”.



Com o apoio de uma loja de revelação as fotografias foram reveladas e recebidas com muito entusiasmo pelos alunos que observaram e teceram novos comentários as imagens.

As fotografias dos espaços urbanos tiradas pelas crianças nos levam a rever conceitos e valores referentes à cidade pela ótica infantil, como a vegetação presente na cidade, paisagens vistas pelas crianças a partir de suas moradias e outras imagens cotidianas. Contrariando as imagens que são constantemente associadas a Petrópolis, ou seja, as fotografias dos pontos turísticos marcados pelos fatos históricos.

As crianças aprendem interagindo com o meio cultural e social em que vivem. Quando a escola utiliza a cidade como um grande laboratório de pesquisa para observação e investigação das imagens está contribuindo para a aprendizagem de conceitos representados no dia-a-dia. Espaço e cultura se entrecruzam nas mais variadas linguagens revelando as características de uma época e a identidade de seus autores, permitindo uma reflexão que englobe aspectos da contemporaneidade, como nos confirma Leite (2001, p.99):

Uma fotografia revela muito mais que as imagens do instante fotografado [...] ela indica os vínculos e relações presentes nos textos imagéticos e revela, também, o seu autor: a intenção do fotógrafo e até, quem sabe, seus desejos, suas características, suas artes de fazer e de ser.

Essa ação confere credibilidade a uma criança capaz que experimenta o mundo, que é competente e ativa, portanto, alguém que não é somente consumidor de cultura e de valores, mas alguém que com suas idas e vindas pela cidade se torna responsável pela produção e preservação do espaço urbano.

Projetos como “Petrópolis com olhos de crianças”, nos quais os alunos têm a possibilidade de protagonizar a experiência da imagem fotográfica, constituem conforme a ótica sócio-interacionista, alternativas educacionais mais criativas, ou seja, uma atividade que reúne o fazer artístico, a ampliação da visão dando vazão à interpretação valorizando assim, a criança como *agente* do saber.



Benjamim (1994, p.105) assim se expressou ao traçar o percurso histórico da fotografia:

Já se disse que “o analfabeto do futuro não será quem não sabe escrever, e sim quem não sabe fotografar”. Mas um fotógrafo que não sabe ler suas próprias imagens não é pior que um analfabeto? Não se tornará a legenda a parte mais essencial da fotografia?

Esse pensamento permite deduzir que o universo infantil não corre este “risco” aparente: a produção de sentido passa obrigatoriamente pela interpretação do autor, dessa forma, espera-se das manifestações infantis um resultado que expresse os sentidos construídos pela criança.

Para o desenvolvimento do projeto, foi necessário inicialmente oportunizar às crianças um estudo sobre a história da cidade enriquecido com fotografias e gravuras antigas, de modo a compará-las com imagens atuais. O objetivo era observar e investigar transformações ocorridas na cidade ao longo dos anos. A fotografia como suporte didático também é ressaltada por Lopes (1998 p.79), pois nos aproxima da importância de ler a história e a geografia local por meio de imagens, alcançando a realidade vivida, entendendo como era e porque se transformou.

Passeios por locais significativos da historiografia local, também fizeram parte das atividades desenvolvidas, como a visita ao Centro Histórico, ao Palácio de Cristal e ao Museu Imperial. Ao transitarem por esses espaços os alunos tiveram liberdade de escolha para utilizarem o registro fotográfico, nesse caso uma oportunidade para mostrar o que percebem da cidade em que vivem, afinal, conforme analisa Flusser (2002), o olhar vai estabelecendo relações significativas, dessa forma, a criança ao observar o meio em que vive o ressignifica com base em seus conhecimentos.

Ao vaguear pela superfície, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem: um elemento é visto após o outro. O vaguear do olhar é circular, tende a voltar para contemplar elementos já vistos. Assim, o “antes” se torna “depois”, e o “depois” se torna o “antes”. O tempo projetado pelo olhar sobre a imagem é o eterno retorno. (FLUSSER, 2002, p.08)

O autor ao afirmar que o olhar tende a voltar sempre para elementos preferenciais confirma a escolha das crianças quanto à definição dos locais a serem fotografados. As falas das crianças entrecruzavam-se citando locais próximos às suas residências, portanto tais relatos apontavam para a valorização dos arredores de suas próprias casas e também outros locais da cidade. Reflexo provável da perspectiva que construíram de dentro de suas moradias quando olhavam a cidade ou, possivelmente, visões sobre seu próprio dia-a-dia, como no percurso cotidiano entre a casa e a escola, por exemplo:

“Tem uma casa antiga que eu sempre vejo quando vou para a escola”. (Júlia)



FIGURA 1 – Casa fotografada pela Júlia

“Eu vou fotografar o Parque Cremerie, é na frente da minha casa, eu vou lá sempre”.
(Gabriel)

“Vou fotografar a rua da escola, eu moro aqui do lado”. (Matheus)

“Na minha casa tem uma rua muito assim (a criança fez um gesto com a mão em posição de inclinação) e lá a gente pode ir à caixa d’água”. (Pedro)

“Lá da minha casa dá pra ver a cidade, é muito alto”. (Bruno)



FIGURA 2 – Bairro Alto da Serra, fotografado por Bruno

A escolha das crianças a respeito desses lugares que desejavam retratar vai ao encontro do que nos diz Benjamin (1994, p.103): “Nenhuma obra de arte é contemplada tão atentamente em nosso tempo como a imagem fotográfica de nós mesmos, de nossos parentes próximos, de nossos seres amados”.

A vegetação presente na cidade destaca-se entre as crianças, sendo objeto das lentes de vários alunos, como podemos ver:

“Nossa essa árvore é bonita. Ah! É o sol que dá essa cor as folhas”. (Rafaela)



FIGURA 3 – Árvore fotografada por Rafaela

“Como é alta essa montanha”. (Clara)



FIGURA 4 – Vista panorâmica da cidade, fotografia tirada por Clara

Tecnicamente, o resultado manifestado nas fotografias se difere do foco adulto, pois muitas fotos deste projeto partem de uma angulação do plano inferior, para o superior, de acordo com a estatura do próprio “fotógrafo-criança”. As imagens da cidade nessas fotografias revelam casas, prédios, igrejas, árvores e ruas explicitando o recorte que cada um faz da realidade evidenciando aspectos subjetivos, que no caso dessas imagens, relacionam-se com os interesses infantis.

Benjamin (1994, p.104) ressalta que: “Cada um de nós pode observar que uma imagem, uma escultura e principalmente um edifício são mais facilmente visíveis na fotografia que na realidade”. A partir desta análise, podemos deduzir que um prédio histórico presente na rotina da criança passava a ser um “novo” prédio, posto que é submetido a um novo olhar. Essa “nova” representação da cidade, por essas imagens, perpassa a visão cotidiana. Esse aspecto foi observado também durante a exposição das fotografias no saguão de um centro comercial, onde os visitantes se surpreenderam com as imagens de determinados lugares comuns e próximos a suas residências, mas ignorados no dia-a-dia.



FIGURA 5 – Um avião Fotografado por Matheus

O inesperado como um avião deixando marcas pelo céu, o detalhe de uma flor, nuvens escuras ou um belo registro do céu azul, também foram alvos das lentes fotográficas das crianças. Alcântara (2001, p.87) nos diz que: “O cotidiano de nossas vidas é constituído de múltiplas e variadas imagens. A cada manhã, essas imagens que emergem de nosso cotidiano nos convidam a ver, ouvir, cheirar, provar, sentir. Como diz Camus, pensamos por imagens”.

CONCLUINDO COM ALGUMAS IMAGENS...



FIGURA 6 – Torre de telefonia celular

FIGURA 7 – Júlia fotografando

FIGURA 8 – Praça D. Pedro, no centro histórico da cidade

O ambiente escolar deve propiciar momentos de expressão e observação transformando e criando novos saberes, possibilitando um diálogo com o que já existe. Acreditar no potencial infantil nos leva a delinear caminhos que contribuam para a participação das crianças enquanto colaboradoras no processo de ensino-aprendizagem, ressaltando e valorizando a infância considerando as especificidades das crianças em suas múltiplas linguagens, ou seja, uma possibilidade de viver uma cultura escolar que respeite e valorize o pensamento infantil. Cabe à escola mediar a aquisição desses conhecimentos redirecionando seu foco para a capacidade de interação dos alunos com o objeto de estudo, neste trabalho as imagens da cidade pelos olhos das crianças.



A escola necessita redirecionar o seu foco para a criança como alguém que interage com o meio social, que produz cultura, experimenta, observa e é curiosa, capaz de aprender por diferentes caminhos. Rinaldi (1999, p.76), explicita tais inquietações ao citar que:

...cada sociedade pode criar a sua própria imagem do que são as crianças. A imagem é uma convenção cultural... Algumas concentram-se no que as crianças são, no que elas têm e no que elas podem fazer, enquanto que outras, infelizmente, concentram-se no que as crianças não são, no que elas não têm e no que elas não podem fazer.

Quem produz algo, produz para alguém e para um diálogo com o mundo. O desenvolvimento deste projeto na escola possibilitou conferir credibilidade às crianças e neste caso reconhecer suas potencialidades ao contemplar e dialogar a respeito das imagens captadas em suas lentes fotográficas. As produções infantis terão mais valor quando ultrapassarem os limites do contexto escolar e puderem ser apreciadas por outros olhares, como a exposição dessas fotografias que foi realizada em um espaço público da cidade.

Ao trabalhar com os alunos atividades que buscam uma aprendizagem mais significativa aproximando-o do objeto em estudo, colaboramos não só para a aquisição de novos conceitos e para o desenvolvimento de valores sociais como a preservação e uso consciente de lugares públicos. Acreditamos que durante suas idas e vindas pelo espaço urbano esses alunos se tornarão cidadãos que respeitam e preservam o espaço público melhorando cada vez mais sua qualidade de vida.

Esses registros fotográficos comunicam algo mais que somente representação da realidade, essas imagens nos mostram os olhares atentos de meninos e meninas que nos encantam ao descortinarem outras visões da cidade a partir de sua identidade, sua subjetividade e sua infância. As produções infantis, neste caso as fotografias, merecem serem vistas, contempladas e valorizadas, escrevendo uma nova cidade retratada pelas mãos das crianças, uma geografia pelo olhar da infância.



REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, A. V. **Espaços e imagens na escola**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2001. 132 p.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994. 253 p.

BITTENCOURT, L. A. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO, B. LEITE M. L. M. (Org.) **Desafios da imagem**: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 1998. 319 p.

CRUZ, S. H. V. (Org.). **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo, SP: Cortez, 2008. 388 p.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1993. 362 p.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999. 319 p.

ELIAS, M. D. C. **Pedagogia Freinet**. São Paulo, SP: Papirus, 2002. 207 p.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta**: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 2002. 82 p.

FREINET, C. **As técnicas Freinet da escola moderna**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975. 171 p.

KRAMER, S. (Org.) **Infância e produção cultural**. Campinas: Papirus, 1998. 215 p.

LEITE, M. I. F. P. **O que e como desenham as crianças?** Refletindo sobre condições de produção cultural da infância. 2001. 183 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

LOPES, A. E. Foto-grafias: as artes plásticas no contexto da escola especial. In: KRAMER, S. (Org.) **Infância e produção cultural**. Campinas: Papirus, 1998. 215 p.

RINALDI, C. Reggio Emília: a imagem da criança e o ambiente em que ela vive como princípio fundamental. In: GANDINI, L.; EDWARDS, C. (Org.). **Bambini**: a abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002. 263 p.

Ana Cecilia Machado Dias

Mestranda em Educação pela
Universidade Católica
de Petrópolis;
Pedagoga com especialização
em Arte Educação
e Educação Infantil;
Orientadora pedagógica da Escola
Oficina Criativa em Petrópolis - RJ
anaceciliadias@hotmail.com

Recebido e revisado pelo organizado em: 11/05/10

Publicado em: 17/06/10